

*Crítica Textual & Crítica Genética em Diálogo — Colóquio Internacional: Porto, 18-20 de Outubro de 2007: actas*, Vol. I, München, Martin Meidenbauer, 2010, pp. 15-36

## COLONIAL OU LUSO-ANGOLANA?

### O interesse da reedição da obra de Guilhermina de Azeredo

FRANCISCO TOPA

Universidade do Porto

Não faltam exemplos que nos mostrem povos que sentem dificuldade em viver com o seu passado e em integrá-lo no seu património. Apesar disso, o caso da relação de Portugal com as suas antigas colónias africanas não deixa de ser um tanto excepcional, persistindo — mais de três décadas depois de uma descolonização, cujos deméritos e méritos não cabe aqui considerar — uma série de equívocos que impõem ao discurso oficial um silêncio de conveniência. Cada vez mais contudo, individualmente ou em grupos mais ou menos organizados, há cidadãos a reagir em sentido diverso, dir-se-ia que numa tentativa de recuperação — que não parece ter a ver com qualquer revisionismo — do património pessoal ou familiar correspondente à sua vivência *ultramarina*. As marcas mais evidentes do fenómeno estarão na *internet* — e sobretudo no *blogging* —, mas podem ser encontradas também na literatura e numa série de objectos da indústria cultural ou de entretenimento.

Também ao nível dos estudos literários parece haver nos últimos anos um interesse acrescido por esses espaços e tempos coloniais, patente sobretudo em trabalhos académicos<sup>1</sup>. Apesar disso, aquela que tem sido designada como literatura colonial ou literatura ultramarina continua relegada a um estranho esquecimento e a um desprezo ainda mais estranho. De facto, são muito poucos os autores aí enquadrados que continuam a ser lidos ou estudados em Portugal. Do lado dos agora PALOP, a situação é um pouco diferente: alguns dos escritores antes considerados no âmbito da literatura colonial portuguesa pertencem hoje às respectivas literaturas, parte delas ainda em processo de formação ou de consolidação.

Perante isto, impõe-se a pergunta: por que foram uns autores incorporados na tradição nacional dos países agora independentes e outros não e por que acabaram estes últimos por desaparecer do património literário português? A resposta será variável até porque a história literária resulta de uma dinâmica em que intervêm muitos factores. A questão essencial parece ter contudo a ver com a perspectiva estético-ideológica de cada escritor e respectiva obra ou então com factores de ordem biográfica um tanto acidentais — uma e outros, a meu ver, critérios demasiado frágeis para servir de suporte a uma literatura nacional, que é sempre o produto de um lento pro-

---

<sup>1</sup> Refiro dois, a título de exemplo: Francisco Noa, *Literatura Colonial: representação e legitimação — Moçambique como invenção literária*, dissertação de doutoramento em Línguas e Literaturas Românicas, especialidade de Literaturas Africanas em língua Portuguesa; Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001 (depois publicado sob o título de *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*, Lisboa, Caminho, 2002); Ana Maria do Rosário Pedro, *Concursos de Literatura Colonial (1926-1936): um instrumento do império*, dissertação de mestrado em Estudos Portugueses, especialidade de Cultura Portuguesa Contemporânea; 2 vols., Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003.

cesso de formação e de consolidação, com avanços e recuos, em que a comunidade dos leitores tem um papel decisivo.

É o que parece mostrar-nos, pela perspectiva inversa, o caso de João Vário (um dos pseudónimos de João Manuel Varela, recentemente falecido): de acordo com o critério de um bom número de ensaístas e historiadores das literaturas africanas de língua portuguesa, talvez este autor não devesse ser considerado como aquilo que efectivamente é: um poeta, cabo-verdiano e universal. Por motivos idênticos, creio que muitos dos escritores — ou, pelo menos, muitos dos textos — portugueses que foram *arrumados* na literatura dita colonial ganhariam em ser lidos como fazendo parte do processo de formação da literatura nacional dos países em causa, sem que isso significasse o apagamento da sua matriz portuguesa.

É que, como já foi sublinhado, por exemplo, por Francisco Noa<sup>2</sup> — que estudou a literatura colonial referente a Moçambique —, estamos perante um sistema complexo e até de contornos contraditórios: a literatura colonial «tanto nos aparece como a expressão enfática do etnocentrismo europeu como seu factor de questionamento», passando «do monovocalismo ao plurivocalismo, da afirmação categórica à expressão oblíqua, do estereótipo à valorização do Outro, das certezas às ambiguidades, do mito à utopia», assim perturbando o cânone e estabelecendo «a ponte para a emergência de uma literatura nacional».

É um exemplo deste tipo que agora tentarei apresentar: a obra de Guilhermina de Azeredo — uma *colona* que viveu menos de dezena e meia de anos entre Benguela e o Huambo e que ganhou dois prémios em concursos de *literatura ultramarina* promovidos pela Agência-geral das Colónias mas cujos textos não merecem a injustiça do rótulo *colonial*, sobretudo se o en-

---

<sup>2</sup> *Literatura Colonial*, cit., p. 452.

tendermos na sua acepção mais corrente: a que designa subprodutos estéticos, movidos pelo propósito propagandístico da colonização portuguesa. Esquecida em ambos os continentes, a ficção desta autora — cujo estudo e edição sistemática (em formato electrónico a ser disponibilizado na *internet*) estou a tentar promover — pode hoje, se relida com serenidade, ser considerada num espaço literário comum aos dois países, a que poderíamos chamar a literatura luso-angolana ou, pelo menos, *uma* literatura lusa e angolana.

A obra de Guilhermina de Azeredo constitui um caso singular no panorama da literatura de língua portuguesa centrada no espaço colonial africano. Antes de mais, por se tratar de uma mulher, o que — não sendo caso único — é pouco comum no universo literário que estamos a considerar. Depois, pelo espaço e pelo tempo convocados: sensivelmente o primeiro quartel do século passado e a parte central de Angola, numa zona que vai de Benguela para o interior, em direcção ao Huambo (a antiga Nova Lisboa), na região subplanáltica e planáltica — espaço e tempo pouco representados na literatura em causa. A isso junta-se a “irregularidade” do percurso da autora: vivendo à margem do circuito intelectual e literário, publicou os seus livros com grandes intervalos de tempo, aproveitando os concursos promovidos pela Agência-geral das Colónias e fazendo sair o último deles em edição de autor, por iniciativa de um dos filhos. Mas o essencial da singularidade de Guilhermina de Azeredo é de outro tipo: tem a ver, por um lado, com a capacidade de ver e de representar — de forma mais sugestiva que afirmativa — a existência complexa e problemática do africano e do colono e os problemas decorrentes do seu contacto no quadro da colonização; e, por outro, com o domínio das técnicas narrativas, com a concentração e tensão dos seus contos, com a intensidade dos seus monodialogos — que às vezes parecem lembrar, por antecipação, Guimarães Rosa —, com o despojamen-

to do estilo, com a variedade de um vocabulário que acolhe muitos termos angolanos de origem diversa que hoje procuramos em vão nos dicionários de referência do Português.

Feita esta consideração prévia, apresentemos brevemente a autora e a obra. Maria Guilhermina de Aguiã de Azeredo nasceu em 1894, em São Mamede de Infesta, nos arredores do Porto. O seu pai, o advogado Baltazar de Araújo Brito Rocha Aguiã, divorciado e casado em segundas núpcias, parte para Benguela nos últimos anos do século XIX ou nos primeiros do século XX, aí vivendo longos anos, com uma intensa actividade cívica que contemplou o exercício das funções de presidente da câmara.

Educada na Suíça, Guilhermina de Azeredo viu os seus estudos superiores interrompidos pelo eclodir da I Guerra Mundial. Partindo para Benguela em 1915, aí viria a casar cinco anos mais tarde com António Maria de Azeredo, oriundo de uma importante família nortenha<sup>3</sup> e que também viria a dedicar-se à escrita e à ficção. Em 1928, vê-se obrigada a regressar à metrópole em busca de tratamento médico para o seu filho António, a quem tinha sido diagnosticada hepatite. O marido juntar-se-ia à restante família pouco tempo depois, chegando deste modo ao fim a experiência angolana do casal. Pouco depois, fixar-se-iam numa quinta da família, em Samodães, Lamego, assumindo a sua exploração agrícola. Na sequência de complicações várias,

---

<sup>3</sup> Era filho de Francisco de Paula de Azeredo Teixeira de Aguiar, representante do título de Conde de Samodães, que foi professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Coronel de Engenharia, tendo desempenhado diversos cargos públicos, incluindo o de Presidente da Câmara Municipal de Marco de Canavezes e de Vereador da Câmara do Porto. Para mais pormenores, veja-se José António Moya Ribeira e Artur Monteiro de Magalhães, *A Descendência do 1º Barão e 1º Visconde de Alpendurada*, Lisboa, Dislivro Histórica, 2004, pp. 248 e ss.

voltariam, décadas mais tarde, para o Porto, cidade onde ambos faleceram, António em 1966 e Guilhermina dez anos mais tarde.

Depois do regresso definitivo à metrópole, colaboram os dois na imprensa. António de Azeredo — que adopta o pseudónimo de António de Aguiar —, depois de ter escrito no *Jornal de Benguela*, publica agora em periódicos como *Ação*, *O Debate*, *Diário de Coimbra* e *A Palavra*, intervindo sobretudo em matérias relacionadas com a agricultura e a política colonial. Publicaria também dois livros de ficção: *Aventuras de Caça*, de 1935 (que venceu o Prémio Fernão Mendes Pinto da Agência-geral das Colónias), e *Funantes*, saído postumamente, em 1969, em edição de autor.

A colaboração de Guilhermina de Azeredo na imprensa ocorre sobretudo na década de 30, em revistas como *Eva*, *Portugal Feminino*, *Magazine Bertrand*, ou nas mais oficiais, e entrando já pela década de '40, *O Mundo Português* e a luso-brasileira *Atlântico*, que publica um conto seu no número inicial<sup>4</sup>. Escreve também contos e crónicas de temática educativa e social nos mesmos jornais de que o marido era colaborador. Publicou três livros, todos centrados em Angola: duas antologias de contos — *Feitiços*, de 1935, e *Branços e Negros*, de 1956, ambos premiados em concursos da Agência-geral das Colónias — e um romance, *O Mato*, saído em 1972, em edição de autor. Deixou inacabado outro romance, também de temática africana, com o título de *Mulata* e, pronta para publicação, a colectânea *Escravos do Calço (contos durienses)*, que reúne textos anteriormente saídos em revistas e jornais. O Douro, em que viveu por longa temporada, constitui o outro grande pólo da

---

<sup>4</sup> «Soldado n.º 7 da 10.ª Companhia», in *Atlântico: Revista Luso-brasileira*, n.º 1, Lisboa / Rio de Janeiro, Secretariado da Propaganda Nacional / Departamento de Imprensa e Propaganda, Primavera de 1942, pp. 130-136.

sua ficção. Mais do que a paisagem majestosa, a atenção da autora incide nas gentes, nos seus costumes simples e nas suas miseráveis condições de vida.

O conto «O bom roceiro», publicado em 1936 no jornal *Ação*<sup>5</sup>, pode servir para ilustrar essa vertente da ficção de Guilhermina de Azeredo e também certos aspectos da sua personalidade e do seu pensamento, mostrando-nos ainda os caminhos sinuosos que marcam a génese de um texto. Espécie de parábola política, narra-nos a história de um roceiro que cumpre a lei e pratica o bem, colocando-se do lado dos mais favorecidos contra os poderosos, que o denunciam às autoridades como bolchevique. Preso, acabará por ser declarado inocente e por receber o elogio do chefe. Como percebi em conversa recente com a única filha viva da autora — a Dr.<sup>a</sup> Maria Olga de Azeredo —, na base do conto está um episódio acontecido com o marido: gestor de uma quinta da família em Samodães, António de Azeredo melhora a alimentação dos seus trabalhadores, o que lhe valeu ser denunciado como subversivo e detido para interrogatório pela polícia política, a PIDE.

A indeterminação espaço-temporal com que o texto abre, um pouco à maneira do conto maravilhoso, não deixa sequer entrever o referente que lhe serviu de ponto de partida:

Era uma vez uma ilha e, nessa terra de mato grosso (assim lhe chamavam alguns habitantes), afastada do resto do reino por mares encapelados, vivia uma bom roceiro.

Sabendo o que lhe esteve na base, percebemos contudo, por uma descrição mais detalhada, que o espaço é o Douro:

---

<sup>5</sup> In *Ação*, n.º 8, Lisboa, 18 de Julho de 1936, p. 5.

Seus montes encrespados até ao cimo, suas cristas talhadas a capricho, suas enseadas risonhas, seu céu fulgindo na doçura das cores e do clima benigno, mostravam quanto carinho o Criador pusera em moldar-lhe as garridices e quanto esforço o homem gastara para desentranhar a enorme riqueza.

Milhares, milhões e milhões de braços ergueram esse escadório imponente e grandioso, dobrados sobre si próprios para a terra, e construíram, e plantaram, e revolveram, e carregaram, numa ânsia nunca satisfeita, numa actividade nunca esgotada.

O regime político vigente não é alvo de críticas. Bem ao contrário:

Porque as leis eram justas, porque a esse mato grosso ainda não tinham chegado os efeitos salutar e benéficos das diversas medidas governamentais, o bom roceiro entendeu por bem espalhar e pregar as ideias do chefe.

O combate do bom roceiro é contra as injustiças sobre os mais desfavorecidos, praticadas pelos poderosos que vêm como revolucionário aquele que dá «mais um caldo ou mais uma sardinha» aos seus trabalhadores e defende que, numa associação agrícola, «grandes e pequenos tinham o seu voto, os mesmos direitos e as mesmas obrigações conforme a ordem e o respeito mútuo mandavam».

Por este exemplo, podemos perceber os traços essenciais do pensamento da autora e o modo como se situa face à conjuntura que a rodeia e à sociedade do seu tempo: apoiando os objectivos do regime, empenha-se na construção de uma sociedade mais justa e mais evoluída do ponto de vista



da assistência social, defendendo certos aspectos do modelo suíço que teve oportunidade de conhecer.

Guilhermina de Azeredo demonstrou também a sua capacidade de analista social em crónicas e contos que tomam por referente o Porto e a sua sociedade burguesa.

Mas o essencial da sua obra está relacionado com Angola, apesar de aí ter vivido apenas treze anos. A explicação simbólica para esse fascínio surge numa crónica de 1934 intitulada «Feitiço»<sup>6</sup>:

Dizem que todo o colono ao beber a primeira vez a água africana toma o feitiço do continente negro.

Afirmam-no a rir, mas toda a gente acredita firmemente nessa feitiçaria.

No seu caso, o fascínio — contemplando embora também a terra — parece incidir sobretudo no homem, o indígena e o colono, o preto e o branco, num desenho a cores que ilumina a complexidade de cada um dos mundos e do seu inter-relacionamento. Contra o que poderíamos esperar, atendendo à época, não dominam nem o exotismo, nem o louvor cego da colonização e da missão civilizadora dos portugueses, nem o sublinhar da superioridade de uns sobre os outros que costumam ser apontados como traços característicos da literatura colonial. Isso não significa contudo que tais aspectos estejam ausentes da obra.

Cada um dos livros de Guilhermina de Azeredo é dominado por um dos ângulos da questão. Em *Feitiços*, a que voltarei mais à frente, encontramos sobretudo a representação do negro no seu ambiente, por vezes per-

---

<sup>6</sup> In *Eva*, Lisboa, 10 de Novembro de 1934, p. 5.

turbado pelos efeitos do contacto com o europeu e os seus costumes. A obra seguinte, *Branços e Negros*, é mais facetada, considerando tanto o colono quanto o indígena, como ainda o relacionamento directo entre ambos os grupos.

Branços e negros enfrentam dificuldades semelhantes. Em «Mãe e filho» temos a história de uma mulher que, movida pela fome, chega com uma criança pequena a um quimbo cujos habitantes acabam por aceitá-los com desdém, tomando-os como uma espécie de escravos. Criado o filho, a mulher tenta explicar-lhe que ele é a semente madura que «Cai para o chão e nasce outra árvore...»<sup>7</sup>, deixando por isso de lhe pertencer para passar a ser do seculo, de quem se tornara escravo. É a essa vida de escravatura que a mãe foge, deixando para trás a criança, sem que nunca ninguém tenha sabido «quem era, como se chamava ao certo, de onde tinha vindo, qual o caminho que tomou...»<sup>8</sup>. Essa questão da discriminação no próprio grupo a que se pertence é colocada do lado contrário no conto «Cafuzo», que nos apresenta um fumbeiro rejeitado e explorado pelo seu grupo de origem:

Quem o diria branco?  
Branco com aquela cara talhada no bronze?  
Com aquelas mãos denegridas e calejadas? E não seria antes mulato  
ou fulo do sul?<sup>9</sup>

No seu caso, a escravatura é a condição da liberdade: por ela aceita «estar sempre a dever à Casa Chefe, sempre escravo do saldo que o obrigava a

---

<sup>7</sup> In *Branços e Negros*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1956, p. 51.

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 91.

vegetar miseravelmente, argamassando os dias com lágrimas, saudades e alucinações»<sup>10</sup>, mesmo sabendo que acabará por sucumbir à alienação dos prazeres da cidade:

A cidade atraía-o, como a luz atrai os insectos; todos os seus sortilégios e vícios o enredavam; desbaratava o dinheiro das economias, à toa. Então, pequenos pecúlios angariados migalha a migalha, sabe Deus à custa de quantas privações, desapareciam numas horas de regabofe ou numa noite de vermelhinha.<sup>11</sup>

Tal como no conto anteriormente referido, também para o fumbeiro não haverá outra saída que não a fuga: respondendo à provocação de um concorrente desonesto, Caluféri — unanimemente considerado um homem bom e generoso — mata-o sem intenção e abandona simbolicamente a vida, tomando o caminho da selva, depois de ter mandado entregar todos os seus bens à família do morto.

Este livro, como aliás os restantes, está marcado por um pessimismo, quase fatalista, que pode ser resumido no título de um dos contos: «Tudo é “chipurulo”...». «chipurulo», um dos muitos vocábulos que os dicionários de referência não acolheram, designa um sentimento misto de ambição, cobiça e inveja. O título é uma síntese do conselho do negro “Capitia”, que o narrador, para quem a roda da fortuna já tinha desandado várias vezes, reconhece como válido:

— Oh, branco! Para que te matas com trabalho? Envenenas o teu coração e ninguém to agradece. Tudo é “chipurulo” nesta vida, branco!

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 92.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 96.

Olha, Caindumbo: Deus deu-te boa casa e boa roupa, mulher e filhos! Comida não te falta, nem dinheiro, nem sambos cheios de bois, nem campos cheios de milho. Que mais queres? Nada podem contra ti os feitiços grandes... Descansa na tua cubata e sê feliz como eu...<sup>12</sup>

No romance *O Mato*, publicado em 1972 mas reportado ao período que se segue à I Guerra Mundial, a atenção aparece centrada no colono, um tipo especial de colono: o colono empreendedor, que foge da comodidade dos centros urbanos para desbravar o mato virgem e investir na agricultura.

De modo mais acentuado do que acontecia nas duas colectâneas de contos — o que tem a ver com o género, mas sobretudo com o enfoque —, há personagens marcadas por uma visão exótica de África, como há traços de um pensamento nitidamente eurocêntrico e até racista. É o que acontece com Dr. Brito, o colono que se bate pelo progresso e pelo desejo de fazer de Angola um novo Brasil e que não pode aceitar os hábitos indígenas que representam um obstáculo a tal projecto:

A culpa é da mãe preta que sustenta o homem. A ideia de que o trabalho agrícola pertence à mulher e ao escravo faz do nativo um ser geralmente avesso ao progresso.<sup>13</sup>

Mesmo dentro dessa perspectiva, *O Mato* não é contudo uma obra acrítica. Pelo contrário, discute com propriedade uma série de problemas da política colonial, como a falta de mão-de-obra e a dificuldade da sua formação ou a ausência de um projecto agrícola coerente:

---

<sup>12</sup> *Ibid.*, pp. 34-35.

<sup>13</sup> *O Mato*, Braga, Edição da Autora, 1972, p. 36.

— Na África do Sul é diferente. Sabe-se de antemão o que se dá bem neste e naquele terreno e quem quiser trabalhar a terra recebe apoio, facilidades e até dinheiro. Foi assim que esse país se fez grande e cada vez atrai mais emigrantes. Nós passamos a vida a fazer experiências.<sup>14</sup>

Além disso, ao mesmo tempo que esboça um modelo de desenvolvimento para a Angola da época, critica de modo contundente uma sociedade empenhada no enriquecimento fácil, de base comercial ou especulativa. Sirva de exemplo esta fala de Dr. Brito, dirigida aos que criticam o seu projecto de estabelecer uma fazenda no mato, no interior:

— E vocês o que fazem, ahn? Digam lá? Chupais como a sanguessuga, não é? Depois... ides esmoer os fartos proventos para a Metrópole... Olha os finórios! Lá estão os Estoris, as teatradas, os clubes, as belas mulheres... Foi assim com a borracha, com a aguardente e é agora com o milho... Que ficou em Angola do tempo das vacas gordas? Respondam, andem! Nada, ou quase nada!<sup>15</sup>

Convocando personagens e histórias que tinham dado origem a contos autónomos, marcado por um indisfarçável fundo autobiográfico que mistura vivências angolanas com episódios posteriores, *O Mato* termina com a derrota do colono, vencido pela natureza e pelos condicionalismos económicos, mas disposto mesmo assim a recomeçar noutra lugar.

Há de facto na obra de Guilhermina de Azeredo uma espécie de fatalismo, que redundava no fracasso dos projectos ou na morte e que muitas

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 251.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 49.

vezes deriva do desencontro das personagens consigo mesmas. Também em *Feitiços*, o seu primeiro livro, isso acontece.

Colocando sempre em primeiro plano o indígena, os onze contos do volume apresentam-nos o africano no seu próprio meio ambiente, com os seus costumes e as suas regras, abstendo-se quase sempre a autora de formular juízos de valor. Os motivos são variáveis: prazeres como o tabaco — que se estende a crianças de quatro anos —, a liamba e a garapa (aguardente de fabrico indígena); as crenças mágicas e os seus executantes supremos, os gangas (feiticeiros); o conceito de justiça e a sua aplicação; a arte da caça e os seus heróis, capazes de enfrentar, desarmados, o “Grande” (isto é, o leão) e a “bicha” (isto é, a jibóia); os problemas da convivência entre as mulheres que partilham um companheiro. Em alguns dos contos o desfecho infeliz deriva de algum modo do contacto com o branco e dos efeitos perturbadores da aculturação, mesmo que inconsciente. É o que acontece em «A fome», em que Chipa — impelido a acolher-se à Missão — tem de optar por uma das suas duas mulheres. É o que se verifica ainda no conto que dá o título ao livro, no qual o protagonista, regressado a casa ao fim de anos de ausência em trabalhos vários, negocia com êxito, segundo o uso tradicional, o casamento com uma mulher que já estava unida a outro, de quem tinha um filho; apesar disso, surpreendido pelo sentimento novo do ciúme, reage com extrema violência quando, ao voltar a casa depois de nova ausência, encontra a mulher, que o supusera morto, com o antigo companheiro.

Embora, como disse, a autora se abstenha de formular juízos de valor sobre os costumes e os hábitos dos protagonistas, não deixa de haver — mais que não seja no plano simbólico — uma condenação moral.

É o que tentarei mostrar, detendo-me, para terminar, no conto «Chiromba», que apresenta a particularidade de ter duas versões anteriores, cujo confronto nos permitirá de algum modo entrever certas particularidades da

escrita de Guilhermina de Azeredo. Em traços gerais, trata-se da história de uma negra, Chiromba, que é apanhada, juntamente com a filha que carregava às costas, por um jacaré, acabando por ser abatida — por piedade — por aquele que parece ser o seu companheiro branco. O essencial do conto joga-se nessa decisão extrema do branco, cujo alcance simbólico se percebe melhor com base na comparação das versões.

A primeira delas, a mais curta<sup>16</sup>, foi publicada no *Diário de Coimbra* de 29 de Setembro de 1930 (p. 2). A segunda, bastante mais extensa<sup>17</sup>, saiu em 1935 n.º *O Mundo Português*<sup>18</sup>, apresentando no final a indicação de que havia sido retirada do livro de contos *Feitiços*, a publicar. Apesar disso, revela pequenas diferenças em relação a esta última, que é ligeiramente mais breve<sup>19</sup>.

Começemos então pelo confronto entre as duas últimas, recorrendo à seguinte sinalética de cores:

- castanho — segmento suprimido;
- cor-de-rosa — segmento acrescentado;
- amarelo — segmento alterado;
- azul — segmento mudado de posição;
- cinzento — segmento alterado e mudado de posição.

---

<sup>16</sup> 1172 palavras.

<sup>17</sup> 1988 palavras.

<sup>18</sup> Vol. II, n.º 19-20, Julho-Agosto de 1935, pp. 247-253.

<sup>19</sup> 1961 palavras.

<p><b>B</b> — In <i>O Mundo Português</i>, Vol. II, n.º 19-29, Lisboa, Julho-Agosto de 1935, pp. 247-253</p>	<p><b>C</b> — In <i>Feitiços</i>, 1935</p>
<p style="text-align: center;"><b>«CHIROMBA»</b></p> <p>Ao alcançar o alto da ladeira para o rio, trouxinha à cabeça, mãos espalmadas nas ancas, «Chiromba» alongou a vista pela margem apinhada de gente.</p> <p>Mulheres entravam na água até aos tornozelos, sacudiam lençóis alvos contra a corrente, erguiam-nos e tornavam a estendê-los.</p> <p>Mais adiante rapazes rolavam barriletes de água até à povoação; fincavam as pernas, metiam as mãos até ao bojo, a cabeça, os ombros e lá subiam morosamente, encosta arriba, gemendo e praguejando.</p> <p>Ó!... Ó!</p> <p>«Sô Morales» viera em pessoa dirigir a condução de areias para as obras da fábrica. As zorras enchiam-se às pazadas, baldeadas pelos carreiros muxilengues; e os bois esqueléticos da cahonha, rabotos, quando estalava a</p>	<p style="text-align: center;"><b>CHIROMBA</b></p> <p>Ao alcançar o alto da ladeira para o rio, trouxinha à cabeça, mãos espalmadas nas ancas, «Chiromba» alongou a vista pela margem apinhada de gente.</p> <p>Mulheres entravam na água até aos tornozelos, sacudiam lençóis alvos contra a corrente, erguiam-nos e tornavam a estendê-los.</p> <p>Mais adiante rapazes rolavam barriletes de água até à povoação; fincavam as pernas, metiam as mãos ao bojo, a cabeça, os ombros, e lá subiam morosamente, encosta arriba, gemendo e praguejando.</p> <p>Ó!... Ó!</p> <p>«Sô Morales» viera em pessoa dirigir a condução de areias para as obras da fábrica. As zorras enchiam-se às pazadas, baldeadas pelos carreiros muxilengues; e os bois esqueléticos da cahonha, rabotos, quando</p>



<p>pita, retesavam os músculos e arrancavam aos berros do velho Camáti que os encorajava:</p> <p>— Eh! Eh!... Bromférrri, Estiliférrri... Onguári... Aier... r... r...</p> <p>Do interior, o rio já carreava as águas meio turvadas dos últimos enxurros; o céu fulgente causticava os olhos e as pupilas contraídas buscavam ansiosamente o bálsamo da verdura.</p> <p>Línguas de fogo lambiam as folhas envernizadas dos pomares, brancuras rútilas de casario por entre eucaliptos gigantes; nem uma folha buliçada, trémula...</p> <p>Ilhotas dormiam em fileira, e junto aos morros a vegetação formava um renque negro e silencioso.</p> <p>Parecia que o sono se apoderava da própria natureza, numa modorra, invencível, parada e monótona.</p> <p>A areia com revérberos intensos, micantes, desafiava a superfície das águas polidas, cobria-se de fulgores metálicos.</p> <p>Até grande altura, vapores cálidos,</p>	<p>estalava a pita retesavam os músculos e arrancavam aos berros do velho Camáti, que os encorajava:</p> <p>— Eh! Eh!... Bromférrri, Estiliférrri... Onguári... Aier... r... r...</p> <p>Do interior, o rio já carreava as águas meio turvadas pelos últimos enxurros; o céu fúlgido causticava os olhos e as pupilas contraídas buscavam ansiosamente o bálsamo da verdura.</p> <p>Mas onde encontrar alívio?</p> <p>Línguas de fogo lambiam as folhas envernizadas dos pomares, brancuras rútilas de casario por entre eucaliptos gigantes; nem uma folha buliçada, trémula...</p> <p>Mais para além duas ilhotas dormiam em fileira, e junto aos morros, a vegetação formava um renque negro e silencioso.</p> <p>Parecia que o sono se apoderava da própria natureza, numa modorra invencível, parada e monótona. A areia com revérberos micantes, desafiava a superfície das águas polidas, cobria-se de fulgores intensos. E até grande altura, vapores cálidos,</p>
---	--

<p>em ondas sufocantes, elevavam-se no solo, numa trepidação alucinadora de fornalha.</p> <p>O cérebro parecia derreter-se em vertigens; físgadas trespassavam a nuca.</p> <p>Mas, toda a paisagem tinha um não sei quê de agridoce. Apertado desde a mupa grande, entre abruptas muralhas de pedras <b>escalvas, ardentes</b>, o vale abria-se ali numa bacia risonha e fértil. Prendia-se a vista enlevada no contraste da seiva estuante com o fundo árido e peço dos primeiros contrafortes planálticos.</p> <p>Tufos majestosos de bambu erguiam-se por entre bananeiras vergadas ao peso dos cachos; as plantações de cana estendiam-se a perder de vista até ao mar e o algodão, estrelado de branco, semelhava imenso jardim.</p> <p>Sobre um morro dominava a antiga fortaleza; mesmo no fundo em remansos de lagoa, dois braços do rio espriado perdiam-se na verdura pujante de onde emergiam copas gigantes de mangueira e graciosas pal-</p>	<p>ondas sufocantes, elevavam-se do solo, numa trepidação alucinadora de fornalha.</p> <p>O cérebro parecia derreter-se em vertigens; físgadas trespassavam a nuca.</p> <p>Mas, toda a paisagem tinha um não sei quê de agridoce. Apertado desde a mupa grande, entre abruptas muralhas de pedras, o vale abria-se ali numa bacia risonha e fértil. Prendia-se a vista enlevada no contraste da seiva estuante com o fundo árido e peço dos primeiros contrafortes planálticos.</p> <p>Tufos majestosos de bambu erguiam-se por entre bananeiras vergadas ao peso dos cachos; as plantações de cana estendiam-se a perder de vista até ao mar; o algodão, estrelado de branco, semelhava imenso jardim.</p> <p>Sobre um morro dominava a antiga fortaleza e mesmo no fundo em remansos de lagoa, dois braços do rio espriado perdiam-se na verdura pujante de onde emergiam copas gigantes de mangueiras e</p>
---	--

<p>mas de farta cabeleira.</p> <p>Nas ribas, cortadas cerce ou em barrancos escalavrados, emaranhava-se toda a casta de caniços e junça, sensitivas, fetos, trepadeiras, mato novo e virgem, prodigiosamente crescido no cacimbo.</p> <p>Ligava as margens uma ponte do caminho-de-ferro, como a unir a arte poderosa do homem à força criadora da natureza.</p> <p>Lá ao longe por entre coqueiros vergados, as grenhas de bronze estampadas contra o céu de turquesa, o oceano metia-se pela terra em forma de saco, espraiando-se depois numa faixa azulada, ao longo da costa solitária.</p> <p>Chiromba pousou a trouxinha, encheu o cachimbo e sentou-se à beira do caminho. Tirava leves baforadas, sorrindo...</p> <p>Mulheres subiam do rio já aviadas; crianças carregavam cabacinhas e latas de água para as sanzalas.</p> <p>Saudavam-na as que retiravam: «laripô Chiromba, laripô!» E ela para ali se deixava estar a ver a faina apressada, inerte, sonhadora...</p>	<p>graciosas palmas de farta cabeleira.</p> <p>Nas ribas cortadas cerce, ou em barrancos escalavrados, emaranhava-se toda a casta de caniços e junça, sensitivas, fetos, trepadeiras, mato novo e virgem, prodigiosamente crescido no cacimbo.</p> <p>Ligava as margens uma ponte do caminho-de-ferro, como a unir a arte poderosa do homem à força criadora da natureza.</p> <p>E lá ao longe por entre coqueiros vergados,</p> <p>o oceano metia-se pela terra dentro em forma de saco, espraiando-se depois numa faixa azulada, ao longo da costa solitária.</p> <p>Chiromba pousou a trouxinha, encheu o cachimbo e sentou-se à beira do caminho. Tirava leves baforadas, sorrindo...</p> <p>Mulheres subiam do rio já aviadas; crianças carregavam cabacinhas e latas de água para as sanzalas.</p> <p>Saudavam-na as que retiravam: «laripô Chiromba, laripô!» E ela para ali se deixava estar a ver a faina apressada, inerte, e sonhadora...</p>
---	--

<p>Do fundo vinha meiga a voz do «Sô Morales» num fado triste e senti- do, queixumes de amor, saudade in- finda:</p> <p>«Ai terra da minha terra... Ai quem me dera já ver...»</p> <p>E as notas subiam arrastadas, en- travam no coração de mansinho, a chorar...</p> <p>Grupos de mulheres lavavam a roupa sobre as pedras, ou esfregavam as peças acoradas perto das bacias de zinco.</p> <p>Na conversa os ânimos exaltavam- se, palavra puxa palavra, e já duas negras se esganhavam com grande banzé.</p> <p>— Sua cadela do diabo, seu bicho ruim!</p> <p>Os outros juntavam-se de volta, a gozarem a bulha; riam-se a perder do alarido das duas raparigas, agarradas uma à outra pelas carapinhas, des- compostas, quase nuas, furibundas.</p> <p>Algumas retardatárias chegavam com enormes trouxas brancas à cabe-</p>	<p>Do fundo vinha a voz meiga de «Sô Morales» num fado triste e senti- do, queixumes de amor, saudade infinda:</p> <p>«Ai terra da minha terra... Ai quem ma dera já ver...»</p> <p>E as notas subiam arrastadas, entravam no coração de mansinho, a chorar...</p> <p>Grupos de mulheres lavavam a roupa sobre as pedras, ou esfrega- vam as peças acoradas perto das bacias de zinco.</p> <p>Na conversa os ânimos exalta- vam-se, palavra puxa palavra, e já duas negras se esganhavam com grande banzé.</p> <p>— Sua cadela do diabo, seu bicho ruim!</p> <p>Os outros juntavam-se de volta, a gozarem a bulha; riam-se a perder do alarido das duas raparigas, agarradas uma à outra pelas carapinhas, des- compostas e furibundas.</p> <p>Algumas retardatárias chegavam com enormes trouxas brancas à</p>
---	---

<p>ça, baloiçando o corpo em requebros indolentes, os mantos negros a esvoaçar ao vento; a matulagem metia-se à conversa com o mulherio, numa grande algazarra de alegria.</p> <p>Chiromba, farta de esperar, relanceou novamente a beira da água; desceu com a trouxinha na mão, tímida e humilde.</p> <p>Trazia a envolvê-la por debaixo dos braços, <b>preso</b> ao lado esquerdo sobre o seio, um pano listado de azul e branco — Huíla — e na cabeça um lenço de chita barata à laia de turbante.</p> <p>Por baixo desse pano uma criança escarranchava-se ao uso banto, colada aos rins.</p> <p>Os olhos de Chiromba, semicerrados e ternos poisavam sobre as companheiras, quando ao passar, toda airoso, as cumprimentava.</p> <p>— Cussapere...</p> <p>— Bá. Cá... caueto... Calunga! —</p> <p>Respondiam as que já estavam.</p> <p>Acocorou-se à espera de vaga.</p> <p>Havia tanta gente!</p> <p>Mas descobriu umas pedras boas</p>	<p>cabeça, baloiçando o corpo em requebros indolentes, os mantos negros a esvoaçar ao vento; <b>e</b> a matulagem metia-se à conversa com o mulherio, numa grande algazarra de alegria.</p> <p>Chiromba, farta de esperar, relanceou novamente a beira da água; desceu com a trouxinha na mão, tímida e humilde.</p> <p>Trazia a envolvê-la por debaixo dos braços, <b>presa</b> ao lado esquerdo sobre o seio, um pano listado de azul e branco — Huíla — e na cabeça um lenço de chita barata à laia de turbante.</p> <p>Por baixo desse pano uma criança escarranchava-se ao uso banto, colada aos rins.</p> <p>Os olhos de Chiromba, semicerrados e ternos poisavam sobre as companheiras, quando ao passar, toda airoso, as cumprimentava.</p> <p>— Cussapere...</p> <p>— Bá. Cá... caueto... Calunga!</p> <p>Respondiam as que já estavam.</p> <p>Acocorou-se à espera de vaga.</p> <p>Havia tanta gente!</p> <p>Mas descobriu umas pedras boas</p>
--	---

<p>mais afastadas; debruçou-se para a corrente a espreitar o fundo antes de se colocar a jeito.</p> <p>Já ajoelhada, prendeu melhor a filhita, molhou as primeiras peças e começou a ensaboar com força.</p> <p>— Tem cautela, ó Chiromba!</p> <p>Ela deixou remansar a água, olhou novamente o rio a prescrutar o seu mistério e respondeu alegre:</p> <p>— Não há perigo, não tenho feitiço!</p> <p>Ali o fundo de areia era perfeitamente visível, em suave declive, branquinho; mais dois metros para além da margem, um pego negro e medonho escancarava-se.</p> <p>A criança vasculhada pelos movimentos bruscos da mãe desatou num berreiro, mas Chiromba continuava a tarefa, indiferente e mansa, até que uma mulher, agastada, grunhiu para o seu lado:</p> <p>— Cala a boca!</p> <p>Então, a rapariga, sempre na mesma posição, de joelhos, aconchegou melhor a filhinha e embalou-a docemente, as mãos entrelaçadas por de-</p>	<p>mais afastadas; debruçou-se para a corrente a espreitar o fundo antes de se colocar a jeito.</p> <p>Já ajoelhada, prendeu melhor a filhita, molhou as primeiras peças e começou a ensaboar com força.</p> <p>— Tem cautela, ó Chiromba!</p> <p>Ela deixou remansar a água, olhou novamente o rio a prescrutar o seu mistério e respondeu alegre:</p> <p>— Não há perigo, não tenho feitiço!</p> <p>Ali o fundo de areia era perfeitamente visível, em suave declive e branquinho; mais dois metros para além da margem, um pego negro e medonho escancarava-se.</p> <p>A criança vasculhada pelos movimentos bruscos da mãe desatou num berreiro, mas Chiromba continuava a tarefa, indiferente e mansa, até que uma mulher, agastada, grunhiu para o seu lado:</p> <p>— Cala a boca!</p> <p>Então, a rapariga, sempre na mesma posição, de joelhos, aconchegou melhor a filhinha e embalou-a docemente, as mãos entrelaçadas por</p>
---	--

<p>baixo do corpito frágil cantarolando em voz monótona e tristonha:</p> <p>Mininá Cucariemnhô! Mininá Cucariemnhô! Cucariré... Cucariré...</p> <p>«Menina não chores... Menina não chores...»</p> <p>Acalentada com carinho a pequena depressa adormeceu, e ela então agarrou-se ao trabalho.</p> <p>Era tempo!</p> <p>O rio continuava a sua marcha serena. Havia nele arrepios enigmáticos, crispações sombrias e um constante borbulhar como se na profundidade das suas águas pululassem vidas monstruosas.</p> <p><b>Em</b> cada ruído parava o coração; tremiam os seres num legítimo instinto de defesa. Mas Chiromba distraída, nem reparava no perigo que lhe <b>poderia</b> vir da água.</p> <p>Continuava na mesma faina, descuidosa, mergulhando as mãos onde tremia a sua figurinha esbelta.</p> <p>Ah! Aquela era a água da sua terra; vinha de lá, passava mesmo juntinho</p>	<p>debaixo do corpito frágil cantarolando em voz monótona e tristonha:</p> <p>Mininá Cucariemnhô! Mininá Cucariemnhô! Cucariré... Cucariré...</p> <p>«Menina não chores... Menina não chores...»</p> <p>Acalentada com carinho a pequena depressa adormeceu, e ela então agarrou-se ao trabalho.</p> <p>Era tempo!</p> <p>O rio continuava a sua marcha serena. Havia nele arrepios enigmáticos, crispações sombrias, e um constante borbulhar como se na profundidade das suas águas pululassem vidas monstruosas.</p> <p><b>E a</b> cada ruído parava o coração; tremiam os seres num legítimo instinto de defesa. Mas Chiromba distraída, nem reparava no perigo que lhe <b>podia</b> vir da água.</p> <p>Continuava na mesma faina descuidosa, mergulhando as mãos onde tremia a sua figurinha esbelta.</p> <p>Ah! Aquela era a água da sua terra; vinha de lá, passava mesmo</p>
---	---

<p>do quimbo... No sopé do morro as palhotas agrupavam-se aqui e além...</p> <p>Onde estariam as companheiras? Que fariam?</p> <p>Como se lembrava das alegres ranchadas pelas lavras de milho, quando amanhavam juntas o solo bravo, daquela vida simples de selvagem, lá muito longe... para o interior!</p> <p>A Terra!</p> <p>Era essa a grande paixão da sua alma, a dor que sentia pungi-la e murmurava, suprimindo os soluços, quase a chorar...</p> <p>— Ah! A Terra! A minha Terra...</p> <p>Iria vê-la, custasse o que custasse... Iria mesmo!</p> <p>Sacudia a roupa até sair o último sabão, tornava a molhá-la, novamente a torcia e atirava-a em seguida para a bacia do lado.</p> <p>Assim caía a tarde.</p> <p>«Sô Morales» sentado num rochedo, a arma a tiracolo, mais a montante, estendia a cana para os fundões na esperança de picar os barbos saborosos.</p>	<p>juntinho ao quimbo... No sopé do morro as palhotas agrupavam-se aqui e além...</p> <p>Onde estariam as companheiras? Que fariam?</p> <p>Como se lembrava das alegres ranchadas pelas lavras do milho, quando amanhavam juntas o solo bravo, daquela vida simples de selvagem, lá muito longe... para o interior!</p> <p>A Terra!</p> <p>Era essa a grande paixão da sua alma, a dor que sentia pungi-la e murmurava, reprimindo os soluços quase a chorar...</p> <p>— Ah! A terra! A minha terra...</p> <p>Iria vê-la, custasse o que custasse... iria mesmo!</p> <p>Sacudia a roupa até sair o último sabão, tornava a molhá-la, novamente a torcia e atirava-a em seguida para a bacia ao lado.</p> <p>Assim caía a tarde.</p> <p>«Sô Morales» sentado num rochedo, mais a montante, a arma a tiracolo, estendia a cana para os fundões na esperança de picar os barbos saborosos.</p>
---	---



<p>Bois soltos rapavam as ervas, mugindo de vez em quando, e as vacas da manada mergulhavam o focinho na corrente; ficavam-se depois a olhar o sol, de pescoço esticado, fios de baba a escorrer.</p> <p>Muitas das lavadeiras já tinham abandonado a margem; Chiromba torcia a última roupa.</p> <p>— Cuápua! — Murmurou ela. — Pronto!</p> <p>Sentou-se longe da beira-rio, desprende a filha das costas, uma mulatinha rechonchuda e linda, puxou-a ao seio forte, com ternura, e deu-lhe o peito.</p> <p>As outras conversavam, faziam-lhe perguntas acerca do interior que trocara pela vila, inquiriam da sua vida com o branco — se lhe dava muitos panos e dinheiro, se a estimava... — intrigalhadas de sanzala que tanto preocupavam os pretos e por vezes também os brancos...</p> <p>O quadro era cheio de doce encantamento. Avivavam-se as cores nos matizes mais deslumbrantes, fundiam-se em pinceladas de grande mestre, como a sobressair grupos, marcando</p>	<p>Bois soltos rapavam as ervas mugindo de vez em quando, e as vacas da manada mergulhavam o focinho na corrente; ficavam-se depois a olhar o sol, de pescoço esticado, fios de baba a escorrer.</p> <p>Muitas das lavadeiras já tinham abandonado a margem; Chiromba torcia a última roupa.</p> <p>— Cuápua! Murmurou ela. Pronto!</p> <p>Sentou-se longe da beira do rio, desprende a filha das costas, uma mulatinha rechonchuda e linda puxou-a ao seio forte, com ternura.</p> <p>As outras conversavam, faziam-lhe perguntas acerca do interior que trocara pela vila, inquiriam da sua vida com o branco — se lhe dava muitos panos e dinheiro, se a estimava... — intrigalhadas de sanzala que tanto preocupavam os pretos e por vezes também os brancos...</p> <p>O quadro era cheio de doce encantamento. Avivavam-se as cores nos matizes mais deslumbrantes, fundiam-se em pinceladas de grande mestre, como a sobressair grupos, marcando</p>
--	--

<p>tonalidades em ondas macias.</p> <p>Aqui folhas largas, viçosas, espalmavam-se sobre troncos denegridos; mais além tapetes esmeraldinos estendiam-se a perder de vista, palmares erguiam preces.</p> <p>A água, quase morta, num doce murmurinho arrastado, como se tivesse aprendido pelo mato, os saudosos cantares das suas irmãs nativas, reflectia tudo aquilo em frémitos cariciosos.</p> <p>E as sombras avançavam pela linfa brilhante, negras ou rosadas, azuis, violeta, com traços de prata, manchas de chumbo... Cada redemoinho era um labirinto de cores, cada borbulhar, espuma leve irisada...</p> <p>O sol lembrava um fogo sagrado, suspenso em ridente azul.</p> <p>Morros escalvos como seios de oiro, laivados de sangue, recortavam-se nas alturas, em miragem de sonho...</p> <p>E Chiomba também sonhava...</p> <p>Em pequena a mãe não a deixava ir à cidade com as comitivas; destinava-a a um seculo rico e poderoso.</p> <p>Mas ela despeitada ajudava a compor as caravanas, corria de um lado</p>	<p>marcando tonalidades macias.</p> <p>Aqui, folhas largas e viçosas espalmavam-se sobre troncos denegridos; mais além, tapetes esmeraldinos estendiam-se a perder de vista, palmares erguiam preces.</p> <p>A água, quase morta, num doce murmurinho arrastado, como se tivesse aprendido pelo mato, os saudosos cantares nativos, reflectia tudo aquilo em frémitos cariciosos.</p> <p>E as sombras avançavam pela linfa brilhante, negras ou rosadas, azuis, violeta, com traços de prata, manchas de chumbo... Cada redemoinho era um labirinto de cores, cada borbulhar, espuma leve irisada...</p> <p>O sol lembrava um fogo sagrado, suspenso em ridente azul; os morros escalvos como seios de oiro, laivados de sangue, recortavam-se nas alturas, em miragem de sonho...</p> <p>E Chiomba também sonhava...</p> <p>Em pequena, a mãe não a deixava ir à cidade com as comitivas; destinava-a a um seculo rico e poderoso.</p> <p>Mas ela despeitada ajudava a compor as caravanas, corria de um</p>
--	---

<p>para outro indagando, sabendo.</p> <p>Das cubatas chegavam sacos de pele de bâmbo, cheios como odres e muambas <b>atadas</b>; cabaças de milho e feijão, engradados de landobe com galinhas, toda a casta de biteres.</p> <p><b>Até</b> batata do reino e atados de cebola ou grandes quindas com goiabas <b>enormes</b>, amarelas de oiro velho.</p> <p>E os seculos em risota, diziam que os brancos tinham fome, «a barriga deles comia muito».</p> <p>Já ia alta a manhã, quando os primeiros se metiam a caminho.</p> <p>As raparigas ostentavam grossas pulseiras de cobre e de junco fino entrançado, anilhas nos tornozelos com chocalhinhos de <b>ololango</b>, brincos e colares de missangas graúdas.</p> <p>E durante muito tempo o vozear rompia a distância; <b>coros subiam do vale, alegres... animados</b>.</p> <p>Fora assim que <b>as</b> duas irmãs mais velhas tinham fugido para a terra dos brancos; nunca mais ninguém as vira.</p> <p>E ela?</p> <p>Também quis admirar a cidade; e a cidade tinha-a enfeitado.</p> <p>À tarde quando regressou sentia-se</p>	<p>lado para outro indagando, sabendo.</p> <p>Das cubatas chegavam sacos de pele de bâmbo, cheios como odres e muambas <b>a esbarrondar</b>; cabaças de milho e feijão, engradados de landobe com galinhas, toda a casta de biteres. Até batata do reino e atados de cebola <b>iam</b>, ou grandes quindas com goiabas amarelas, de oiro velho.</p> <p>E os seculos em risota, diziam que os brancos tinham fome, «a barriga deles comia muito».</p> <p>Já ia alta a manhã quando os primeiros se metiam a caminho.</p> <p>As raparigas ostentavam grossas pulseiras de cobre e de junco fino entrançado, anilhas nos tornozelos com chocalhinhos de <b>olonango</b>, brincos e colares de missangas graúdas.</p> <p>E durante muito tempo o vozear rompia a distância; <b>coros alegres subiam do vale</b>, animados.</p> <p>Fora assim que duas irmãs mais velhas tinham fugido para a terra dos brancos e nunca mais ninguém as vira.</p> <p>E ela?</p> <p>Também quis admirar a cidade e a cidade tinha-a enfeitado.</p> <p>À tarde quando regressou sentia-</p>
---	--

<p>triste.</p> <p>Uma aflição, como se a tivessem espancado, <b>aterrava-a</b>. Subiam-lhe até à garganta soluços desesperados, arreplava-se, rasgando com os dentes as chitas novas.</p> <p>À sua frente todas as preciosidades que vira, as lantejoulas, as fazendas às ramagens, <b>passavam como</b> carícia branda, bailando ternamente, <b>com doçura</b>.</p> <p>E no dia seguinte abalara também, seduzida por aquele feitiço de perdição.</p> <p>Viera ali parar nem sabia como.</p> <p>Ah! A sua terra!...</p> <p>E formulou logo a decisão inabalável de se ausentar por uma temporada daquela povoação de gente má, que a recebia com chochos de desdém e a desprezava por ser pobre e não saber a língua luanda das candonas de estirpe.</p> <p>Não seriam negras como ela?</p> <p>Quando a pequena acabou de sugar, a boca ainda húmida de leite, Chiromba segurou-a nas costas, acamou a roupa e foi encher a cabaça.</p>	<p>se triste.</p> <p>Uma aflição, como se a tivessem espancado, <b>atormentava-a</b>. Subiam-lhe até à garganta soluços desesperados, arreplava-se, rasgando com os dentes as chitas novas.</p> <p>À sua frente <b>passavam</b> todas as preciosidades que vira, as lantejoulas, as fazendas às ramagens, <b>os brincos, como uma</b> carícia branda, bailando ternamente <b>numa tentação constante</b>.</p> <p>E no dia seguinte abalara também, seduzida por aquele feitiço de perdição.</p> <p>Viera ali parar, nem sabia como.</p> <p>Ah! A sua terra!...</p> <p>E formulou logo a decisão inabalável de se ausentar por uma temporada daquela povoação de gente má, que a recebia com chochos de desdém e a desprezava por ser pobre e não saber a língua luanda das candonas de estirpe.</p> <p>Não seriam negras como ela?</p> <p>Quando a pequena acabou de sugar a boca ainda húmida de leite, Chiromba segurou-a nas costas, acamou a roupa e foi encher a cabaça.</p>
--	---

<p>Entrou na água, afoita; dobrou-se toda, mergulhou-a até à boca que gorgolejava e...</p> <p>O monstro surgiu do abismo rompendo as águas.</p> <p>Ouviu-se um grito lancinante, um baque no rio.</p> <p>Mãe e filha tinham desaparecido num torvelinho.</p> <p>Cautelosamente, o jacaré que a espiara alapardado entre o lodo, aproximara-se da margem.</p> <p>O próprio bater da roupa na pedra e o vozear dos pretos mantinham-no em respeito; nem se mexia.</p> <p>Cobarde como os cobardes o réptil imundo espreitava ocasião propícia para o salto de morte e, no instante em que a rapariga, a cabaça cheia, se erguia para voltar, açoitou-a com a cauda serrilhada, derrubando-a e arrastando-a para o fundo.</p> <p>Os outros pretos paralisados um momento, com a respiração cortada, logo se revoltaram numa gritaria desesperada; batiam a água, rogavam pragas, insultavam a fera.</p> <p>— Ah! Cão!... Grande Cão...</p> <p>— Ah! Ladrão!...</p>	<p>Entrou na água, afoita; dobrou-se toda, mergulhou-a até à boca que gorgolejava e...</p> <p>O monstro surgiu do abismo rompendo as águas.</p> <p>Ouviu-se um grito lancinante, um baque no rio.</p> <p>Mãe e filha tinham desaparecido num torvelinho.</p> <p>Cautelosamente o jacaré que a espiara alapardado entre o lodo, aproximara-se da margem.</p> <p>Covarde como os covardes o réptil imundo espreitava ocasião propícia para o salto de morte e, no instante em que a rapariga, a cabaça cheia, se erguia para voltar, açoitou-a com a cauda serrilhada, derrubando-a e arrastando-a para o fundo.</p> <p>Os outros pretos, paralisados um momento e com a respiração cortada, logo se revoltaram numa gritaria desesperadora; batiam a água, rogavam pragas, insultavam a fera.</p> <p>— Ah! Cão!... Grande cão...</p> <p>— Ah! Ladrão!...</p>
---	---

<p><b>Baldado esforço.</b></p> <p>Sobre a corrente só apareciam laivos sanguíneos, <b>fim da desgraça horrível.</b></p> <p><b>De todos os lados gente corria, doida, desorientada.</b></p> <p><b>O</b> anfíbio monstruoso arrastava o grupo e quando menos <b>esperavam, levantava-o</b> à tona.</p> <p>Ela, a negra forte, presa uma perna nos dentes do crocodilo, encarniçava-se ainda numa luta renhida, pedindo socorro, procurando libertar-se...</p> <p>O espectáculo horroroso repetia-se impunemente, a multidão fugia apavorada.</p> <p>E a noite avançava, trágica; salvar a mulher era impossível. Então, «Morales» roxo de cólera, congestionado, lançou mão da mauser, e, quando a moça, braços ao alto, voltou acima, mandou-lhe uma bala contra o peito, <b>bala salvadora</b> que a tornou insensível à dor e à agonia.</p> <p>Fizera bem? Fizera mal?</p>	<p>Sobre a corrente só apareciam laivos sanguíneos;</p> <p>o anfíbio monstruoso arrastava o grupo... Porém, de repente, quando menos <b>se esperava, a rapariga veio</b> à tona.</p> <p>Ela, a negra forte, presa uma perna nos dentes do crocodilo, encarniçava-se ainda numa luta renhida, pedindo socorro, e procurando libertar-se...</p> <p>O espectáculo horroroso repetia-se impunemente, a multidão fugia apavorada.</p> <p>E a noite avançava, trágica... salvar a mulher era impossível. Então, «Morales» roxo de cólera, congestionado, lançou mão da Mauser, e, quando a moça, braços ao alto, voltou acima, mandou-lhe uma bala <b>salvadora</b> contra o peito, que a tornou insensível à dor e à agonia.</p> <p>Fizera bem? Fizera mal?</p>
---	--

Como se vê, as diferenças são de facto pequenas, resultando sobretudo da supressão pontual de palavras ou frases, numa estratégia de *limae labor*.

Bem mais significativas são as modificações da primeira para a segunda versão.

<b>A</b> — In <i>Diário de Coimbra</i> , 29 de Setembro de 1930, p. 2	<b>B</b> — In <i>O Mundo Português</i> , Vol. II, n.º 19-29, Lisboa, Julho-Agosto de 1935, pp. 247-253
<b>A</b> CHIROMBA	<b>«CHIROMBA»</b>  Ao alcançar o alto da ladeira para o rio, trouxinha à cabeça, mãos espalmadas nas ancas, «Chiromba» alongou a vista pela margem apinhada de gente.  Mulheres entravam na água até aos tornozelos, sacudiam lençóis alvos contra a corrente, erguiam-nos e tornavam a estendê-los.  Mais adiante rapazes rolavam barriletes de água até à povoação; fincavam as pernas, metiam as mãos até ao bojo, a cabeça, os ombros e lá subiam morosamente, encosta arriba,

<p>O rio Catumbela, ao entrar no litoral, corre entre macangos, morros nus, ressequidos e queimados pelo forte sol africano.</p> <p>Ao desembarcar na planície da beira-mar, o vale que até aí se estende apertado entre abruptas muralhas de</p>	<p>gemendo e praguejando.</p> <p>Ó!... Ó!</p> <p>«Sô Morales» viera em pessoa dirigir a condução de areias para as obras da fábrica. As zorras enchiam-se às pazadas, baldeadas pelos carreiros muxíngues; e, os bois esqueléticos da cahonha, rabotos, quando estalava a pita, retesavam os músculos e arrancavam aos berros do velho Camáti que os encorajava:</p> <p>— Eh! Eh!... Bromférrri, Estiliférrri... Onguári... Aier... r... r...</p> <p>Do interior, o rio já carreava as águas meio turvadas dos últimos enxurros; o céu fulgente causticava os olhos e as pupilas contraídas buscavam ansiosamente o bálsamo da verdura.</p> <p>Línguas de fogo lambiam as folhas envernizadas dos pomares, brancas rútilas de casario por entre eucaliptos gigantes; nem uma folha buliçada, trémula...</p> <p>Ilhotas dormiam em fileira, e junto aos morros a vegetação formava um renque negro e silencioso.</p> <p>Parecia que o sono se apoderava</p>
---	--



<p>pedra, alarga-se numa doce paisagem tropical.</p> <p>Dum lado, o casario da vila por entre eucaliptos; do outro, as plantações e a cortar o rio, a ponte do caminho-de-ferro. Este contraste da verdura pujante, com o fundo árido dos morros, dá à paisagem um não sei quê de agridoce, que agrada e prende com prazer a vista do viajante.</p> <p>Todas as tardes, a margem do rio, do lado das habitações povoa-se de pretos. Uns à busca de água, outros a lavarem a roupa, ou simplesmente pelo prazer de falarem com o mulhetro.</p>	<p>da própria natureza, numa modorra, invencível, parada, e monótona.</p> <p>A areia com revérberos intensos, micantes, desafiava a superfície das águas polidas, cobria-se de fulgores metálicos.</p> <p>Até grande altura, vapores cálidos, em ondas sufocantes, elevavam-se no solo, numa trepidação alucinadora de fornalha.</p> <p>O cérebro parecia derreter-se em vertigens; físgadas trespassavam a nuca.</p> <p>Mas, toda a paisagem tinha um não sei quê de agridoce. Apertado desde a mupa grande, entre abruptas muralhas de pedras escalvas, ardentes, o vale abria-se ali numa bacia risonha e fértil. Prendia-se a vista enlevada no contraste da seiva estuante com o fundo árido e peço dos primeiros contrafortes planálticos.</p> <p>Tufos majestosos de bambu erguiam-se por entre bananeiras vergadas ao peso dos cachos; as plantações de cana estendiam-se a perder de vista até ao mar e o algodão, estrelado de branco, semelhava imenso jardim.</p> <p>Sobre um morro dominava a</p>
---	--

	<p>antiga fortaleza; mesmo no fundo em remansos de lagoa, dois braços do rio espriado perdiam-se na verdura pujante de onde emergiam copas gigantescas de mangueira e graciosas palmas de farta cabeleira.</p> <p>Nas ribas, cortadas cerce ou em barrancos escalavrados, emaranhava-se toda a casta de caniços e junça, sensitivas, fetos, trepadeiras, mato novo e virgem, prodigiosamente crescido no cacimbo.</p> <p>Ligava as margens uma ponte do caminho-de-ferro, como a unir a arte poderosa do homem à força criadora da natureza.</p> <p>Lá ao longe por entre coqueiros vergados, as grenhas de bronze estampadas contra o céu de turquesa, o oceano metia-se pela terra em forma de saco, espriando-se depois numa faixa azulada, ao longo da costa solitária.</p> <p>Chiromba pousou a trouxinha, encheu o cachimbo e sentou-se à beira do caminho. Tirava leves bafuradas, sorrindo...</p> <p>Mulheres subiam do rio já aviadas;</p>
--	---

<p>Naquele dia de sol de chumbo candente, a animação era grande. Todas as pedras dos lavadoiros estavam ocupadas. Havia bulhas por causa da vez e, já duas negras se haviam esgadanhado com grande banzé.</p>	<p>crianças carregavam cabacinhas e latas de água para as sanzalas.</p> <p>Saudavam-na; as que retiravam: «laripô Chiromba, laripô!» E ela para ali se deixava estar, a ver a faina apressada, inerte, sonhadora...</p> <p>Do fundo vinha meiga a voz do «Sô Morales» num fado triste e sentido, queixumes de amor, saudade infinda:</p> <p>«Ai terra da minha terra... Ai quem me dera já ver...»</p> <p>E as notas subiam arrastadas, entravam no coração de mansinho, a chorar...</p> <p>Grupos de mulheres lavavam a roupa sobre as pedras, ou esfregavam as peças acoradas perto das bacias de zinco.</p> <p>Na conversa os ânimos exaltavam-se, palavra puxa palavra, e já duas negras se esgadanhavam com grande banzé.</p> <p>— Sua cadela do diabo, seu bicho ruim!</p> <p>Os outros juntavam-se de volta, a gozarem a bulha; riam-se a perder do</p>
---	--

<p>Algumas retardatárias vinham chegando, com trouxas enormes de roupa à cabeça, baloiçando o corpo com requebros indolentes.</p> <p>A última que veio, era uma negra nova, alta, forte e bem feita de corpo. Só as beiçorras enormes e o nariz achatado e grosso a desfeavam.</p> <p>Via-se que não pertencia às elegantes da terra. Trazia a envolvê-la por baixo dos braços, preso ao lado esquerdo, sobre o seio, um pano listrado d'azul e branco e, na cabeça, um lenço barato de chita, à laia de turbante.</p> <p>Por baixo desse pano, um filhito escarranchava-se sobre os rins, ao uso banto.</p> <p>A preta, ao passar, toda direita e orgulhosa da sua estátua, cumprimentou as outras sorrindo.</p> <p>— Laripó!..</p> <p>— Bál responderam as que já</p>	<p>alarido das duas raparigas, agarradas uma à outra pelas carapinhas, descompostas, quase nuas, furibundas.</p> <p>Algumas retardatárias chegavam com enormes trouxas brancas à cabeça, baloiçando o corpo em requebros indolentes, os mantos negros a esvoaçar ao vento; a matulagem metia-se à conversa com o mulherio, numa grande algazarra de alegria.</p> <p>Chiromba, farta de esperar, relanceou novamente a beira da água; desceu com a trouxinha na mão, tímida e humilde.</p> <p>Trazia a envolvê-la por debaixo dos braços, preso ao lado esquerdo sobre o seio, um pano listado de azul e branco — Huíla — e na cabeça um lenço de chita barata à laia de turbante.</p> <p>Por baixo desse pano uma criança escarranchava-se ao uso banto, colada aos rins.</p> <p>Os olhos de Chiromba, semicerrados e ternos poisavam sobre as companheiras, quando ao passar, toda airosa, as cumprimentava.</p> <p>— Cussapere...</p>
---	---

<p>estavam.</p> <p>Pousou a roupa e sentou-se à espera de vez.</p> <p>Havia tanta gente!</p> <p>Perto estavam umas pedras boas; foi buscar uma, debruçou-se sobre a água a espreitar para o fundo, antes de a colocar a jeito. Depois, prendeu melhor o filhito, molhou umas peças e começou a ensaboar.</p> <p>— Tem cautela, ó Chiromba!</p> <p>Ela deixou remansar a água, olhou outra vez para o fundo a prescurtar o mistério do rio e respondeu alegre:</p> <p>— Não há perigo, não tenho feitiço! —</p> <p>O filhito sentindo-se vasculhado com o baloiçar do corpo da mãe, desatou num berreiro infernal. Chiromba, indolente como todas as negras deixou-o chorar, até que uma do lado, já farta do griteiro berrou:</p> <p>— Cóia, cóia! Cala a boca!</p>	<p>— Bá. Cá... caueto... Calunga! —</p> <p>Respondiam as que já estavam.</p> <p>Acocorou-se à espera de vaga.</p> <p>Havia tanta gente!</p> <p>Mas descobriu umas pedras boas mais afastadas; debruçou-se para a corrente a espreitar o fundo antes de se colocar a jeito.</p> <p>Já ajoelhada, prendeu melhor a filhita, molhou as primeiras peças e começou a ensaboar com força.</p> <p>— Tem cautela, ó Chiromba!</p> <p>Ela deixou remansar a água, olhou novamente o rio a prescurtar o seu mistério e respondeu alegre:</p> <p>— Não há perigo, não tenho feitiço!</p> <p>Ali o fundo de areia era perfeitamente visível, em suave declive, branquinho; mais dois metros para além da margem, um pego negro e medonho escancarava-se.</p> <p>A criança vasculhada pelos movimentos bruscos da mãe desatou num berreiro, mas Chiromba continuava a tarefa, indiferente e mansa, até que uma mulher, agastada, grunhiu para o seu lado:</p>
---	--

<p>Então, a mãe levantou-se, embalou a criança, abanando-a docemente e, numa voz monótona e tristonha cantarolou:</p> <p>— Mininá Cucári renhò! Cucárire, Cucárire Langandi lá bô...</p> <p>Menina, menina, não chores, não chores, senão choro também.</p> <p>A criança, com a cadência da cantiga depressa adormeceu e, então a rapariga, agarrou-se ao trabalho com gana.</p> <p>O rio continuava a sua marcha, cheio de mistério. Chiromba</p> <p>nem reparava já para o perigo que</p>	<p>— Cala a boca!</p> <p>Então, a rapariga, sempre na mesma posição, de joelhos, aconchegou melhor a filhinha e embalou-a docemente, as mãos entrelaçadas por debaixo do corpito frágil cantarolando em voz monótona e tristonha:</p> <p>Mininá Cucariemnhô! Mininá Cucariemnhô! Cucariré... Cucariré...</p> <p>«Menina não chores... Menina não chores...»</p> <p>Acalentada com carinho a pequena depressa adormeceu, e ela então agarrou-se ao trabalho.</p> <p>Era tempo!</p> <p>O rio continuava a sua marcha serena. Havia nele arrepios enigmáticos, crispações sombrias e um constante borbulhar como se na profundidade das suas águas pululassem vidas monstruosas.</p> <p>Em cada ruído parava o coração; tremiam os seres num legítimo instinto de defesa. Mas Chiromba distraída,</p>
---	--

<p>poderia vir da água; não via lá no fundo dum remanso, alapardado entre o lodo, um grande monstro, que a espreitava, pronto a arrastá-la para o abismo.</p> <p>Covarde, como os covardes, o réptil imundo nem se mexia. O próprio barulho do bater da roupa na pedra e o vozear dos negros, mantinham-no em respeito.</p> <p>Era mesmo impossível vê-lo agora, por causa do sabão que turvava a água. Ele, esse lagarto monstro, nojento e repelente, cujos dentes fazem arrepiar o mais forte, lá estava espreitando ocasião para o salto de morte.</p> <p>A rapariga descuidada, continuava na sua faina. Mergulhava as mãos na água, que reflectia a sua figura de ébano,</p>	<p>nem reparava no perigo que lhe poderia vir da água.</p> <p>Continuava na mesma faina, descuidosa, mergulhando as mãos onde tremia a sua figurinha esbelta.</p> <p>Ah! Aquela era a água da sua terra; vinha de lá, passava mesmo juntinho do quimbo... No sopé do morro as palhotas agrupavam-se aqui e além...</p> <p>Onde estariam as companheiras? Que fariam?</p> <p>Como se lembrava das alegres ranchadas pelas lavras de milho,</p>
--	---

<p>sacudia a roupa até sair o último sabão e torcia-a com força, sobre a pedra, atirando-a em seguida para a bacia ao lado.</p> <p>Assim ia caindo a tarde.</p> <p>Muitas lavadeiras já tinham abandonado a margem.</p> <p>A Chiromba torcia a última roupa.</p>	<p>quando amanhavam juntas o solo bravo, daquela vida simples de selvagem, lá muito longe... para o interior!</p> <p>A Terra!</p> <p>Era essa a grande paixão da sua alma, a dor que sentia pungi-la e murmurava, suprimindo os soluços, quase a chorar...</p> <p>— Ah! A Terra! A minha Terra...</p> <p>Iria vê-la, custasse o que custasse... Iria mesmo!</p> <p>Sacudia a roupa até sair o último sabão, tornava a molhá-la, novamente a torcia e atirava-a em seguida para a bacia do lado.</p> <p>Assim caía a tarde.</p> <p>«Sô Morales» sentado num rochedo, a arma a tiracolo, mais a montante, estendia a cana para os fundões na esperança de picar os barbos saborosos.</p> <p>Bois soltos rapavam as ervas, mugindo de vez em quando, e as vacas da manada mergulhavam o focinho na corrente; ficavam-se depois a olhar o sol, de pescoço esticado, fios de baba a escorrer.</p> <p>Muitas das lavadeiras já tinham</p>
--	---



<p>— Cuápua! — murmurou ela! Pronto!</p> <p>Depois, sentou-se à beira do rio, desprende o filho das costas, puxou-o sobre a ilharga e, ajeitando o seio forte de boa criadeira, para o lado, deu-lhe de mamar.</p> <p>As outras, já poucas, iam conversando. Faziam-lhe perguntas sobre a terra que trocara pela Catumbela, sobre a sua vida,</p> <p>intrigalhadas de sanzala que tanto preocupavam os pretos e por vezes até os brancos.</p> <p>A paisagem, agora, era cheia de doce encanto.</p>	<p>abandonado a margem; Chiromba torcia a última roupa.</p> <p>— Cuápua! — Murmurou ela. — Pronto!</p> <p>Sentou-se longe da beira-rio, desprende a filha das costas, uma mulatinha rechonchuda e linda, puxou-a ao seio forte, com ternura, e deu-lhe o peito.</p> <p>As outras conversavam, faziam-lhe perguntas acerca do interior que trocara pela vila, inquiriam da sua vida com o branco — se lhe dava muitos panos e dinheiro, se a estimava... — intrigalhadas de sanzala que tanto preocupavam os pretos e por vezes também os brancos...</p> <p>O quadro era cheio de doce encantamento. Avivavam-se as cores nos matizes mais deslumbrantes, fundiam-se em pinceladas de grande mestre, como a sobressair grupos, marcando tonalidades em ondas macias.</p> <p>Aqui folhas largas, viçosas, espalmavam-se sobre troncos denegridos; mais além tapetes esmeraldinos estendiam-se a perder de vista, palmares erguiam preces.</p>
--	---

<p>O sol poente tudo embelezava</p> <p>e a água reflectia aqueles muros escavados, como montes de ouro, numa miragem de sonho.</p> <p>Chiromba também sonhava. Via o quimbo tão distante e invadia-a o desejo de rever a sua terra, a sua cubata e os bois do seculo. Lembrava-se das cantigas das companheiras, das lavras de milho ao pé do riacho e daquela vida simples e livre de selvagem, lá longe, para o interior...</p>	<p>A água, quase morta, num doce murmurinho arrastado, como se tivesse aprendido pelo mato, os saudosos cantares das suas irmãs nativas, reflectia tudo aquilo em frémitos cariciosos.</p> <p>E as sombras avançavam pela linfa brilhante, negras ou rosadas, azuis, violeta, com traços de prata, manchas de chumbo... Cada redemoinho era um labirinto de cores, cada borbulhar, espuma leve irisada...</p> <p>O sol lembrava um fogo sagrado, suspenso em ridente azul.</p> <p>Morros escavos como seios de ouro, lavados de sangue, recortavam-se nas alturas, em miragem de sonho...</p> <p>E Chiromba também sonhava...</p> <p>Em pequena a mãe não a deixava ir à cidade com as comitivas; destinava-a a um seculo rico e poderoso.</p> <p>Mas ela despeitada ajudava a compor as caravanas, corria de um lado para outro indagando, sabendo.</p> <p>Das cubatas chegavam sacos de pele de bândi, cheios como odres e muambas atadas; cabaças de milho e</p>
---	---

	<p>feijão, engradados de landobe com galinhas, toda a casta de biteres.</p> <p>Até batata do reino e atados de cebola ou grandes quindas com goiabas enormes, amarelas de oiro velho.</p> <p>E os seculos em risota, diziam que os brancos tinham fome, «a barriga deles comia muito».</p> <p>Já ia alta a manhã, quando os primeiros se metiam a caminho.</p> <p>As raparigas ostentavam grossas pulseiras de cobre e de junco fino entrançado, anilhas nos tornozelos com chocalinhos de ololango, brincos e colares de missangas graúdas.</p> <p>E durante muito tempo o vozear rompia a distância; coros subiam do vale, alegres... animados.</p> <p>Fora assim que as duas irmãs mais velhas tinham fugido para a terra dos brancos; nunca mais ninguém as vira.</p> <p>E ela?</p> <p>Também quis admirar a cidade, e a cidade tinha-a enfeitado.</p> <p>À tarde quando regressou sentia-se triste.</p> <p>Uma aflição, como se a tivessem espancado, aterrava-a. Subiam-lhe até à garganta soluços desesperados,</p>
--	--

<p>Na sua mente formulou-se logo a decisão de se ir embora por uma temporada, daquela terra estranha, de gente tão má, que a recebia com chochos de desdém e a desprezava por ser pobre e não saber a língua Suanda das candossas d' estirpe.</p> <p>Não eram negras como ela?!</p> <p>Quando o pequeno acabou de sugar, a boca ainda húmida de leite, ela ajeitou-o nas costas, acamou a roupa e foi encher a cabaça.</p> <p>Entrou na água, mergulhou-a até à boca, que gorgolejava.</p> <p>Foi um momento.</p> <p>Ouviu-se um grito lancinante, um</p>	<p>arrepelava-se, rasgando com os dentes as chitas novas.</p> <p>À sua frente todas as preciosidades que vira, as lantejoulas, as fazendas às ramagens, passavam como carícia branda, bailando ternamente, com doçura.</p> <p>E no dia seguinte abalara também, seduzida por aquele feitiço de perdição.</p> <p>Viera ali parar nem sabia como.</p> <p>Ah! A sua terra!...</p> <p>E formulou logo a decisão inabalável de se ausentar por uma temporada daquela povoação de gente má, que a recebia com chochos de desdém e a desprezava por ser pobre e não saber a língua luanda das candonas de estirpe.</p> <p>Não seriam negras como ela?</p> <p>Quando a pequena acabou de sugar, a boca ainda húmida de leite, Chiromba segurou-a nas costas, acamou a roupa e foi encher a cabaça.</p> <p>Entrou na água, afoita; dobrou-se toda, mergulhou-a até à boca que gorgolejava e...</p> <p>O monstro surgiu do abismo</p>
---	---

<p>baque no rio.</p> <p>Por instantes os outros pretos ficaram com a respiração cortada.</p> <p>Cautelosamente, o jacaré aproximara-se da margem e, na ocasião em que a rapariga, a cabaça cheia, se erguia para voltar, açoitou-a com a cauda serrilhada, derrubando-a e arrastando-a para o fundo.</p> <p>Agora todos gritavam, todos rogavam pragas, insultando o réptil, a ver se o monstro largava a presa.</p> <p>Mas sobre a água, só apareciam uns laivos de sangue.</p> <p>Muita gente corria para a margem.</p> <p>Foram uns segundos de pânico, de dor e de aflição.</p>	<p>rompendo as águas.</p> <p>Ouviu-se um grito lancinante, um baque no rio.</p> <p>Mãe e filha tinham desaparecido num torvelinho.</p> <p>Cautelosamente, o jacaré que a espiara alapardado entre o lodo, aproximara-se da margem.</p> <p>O próprio bater da roupa na pedra e o vozear dos pretos mantinham-no em respeito; nem se mexia.</p> <p>Cobarde como os cobardes o réptil imundo espreitava ocasião propícia para o salto de morte e, no instante em que a rapariga, a cabaça cheia, se erguia para voltar, açoitou-a com a cauda serrilhada, derrubando-a e arrastando-a para o fundo.</p> <p>Os outros pretos paralisados um momento, com a respiração cortada, logo se revoltaram numa gritaria desesperada; batiam a água, rogavam pragas, insultavam a fera.</p> <p>— Ah! Cão!... Grande Cão...</p> <p>— Ah! Ladrão!...</p> <p>Baldado esforço.</p> <p>Sobre a corrente só apareciam laivos sanguíneos, fim da desgraça horrível.</p>
---	---

<p>O grande lagarto arrastara mãe e filho para o meio do rio e levantava-os à tona de água. Ela, a negra forte, presa uma perna nos dentes do monstro, esforçava-se por se libertar e pedia socorro.</p> <p>Mas o jacaré, vendo a sua vítima a esbracejar, e receando perdê-la, levava-a outra vez para o fundo.</p> <p>Este espectáculo visto da margem era horroroso, e o monstro sabendo-se livre e impune, repetia a façanha.</p> <p>O sol tingia tudo da cor do sangue com laivos incandescentes.</p> <p>Salvar a mulher era impossível. Então, um europeu, horrorizado com o quadro, condoído de tamanho sofrimento, lançou mão duma arma e, quando a negra, os braços ao alto, voltou acima, mandou-lhe contra o peito uma bala salvadora, que a tornou insensível à dor e à agonia.</p> <p>— Acabou de sofrer?</p> <p>— Paz à sua alma!</p> <p>Os negros fugiram para casa chei-</p>	<p>De todos os lados gente corria, doida, desorientada.</p> <p>O anfíbio monstruoso arrastava o grupo e quando menos esperavam, levantava-o à tona.</p> <p>Ela, a negra forte, presa uma perna nos dentes do crocodilo, encarnicava-se ainda numa luta renhida, pedindo socorro, procurando libertar-se...</p> <p>O espectáculo horroroso repetia-se impunemente, a multidão fugia apavorada.</p> <p>E a noite avançava, trágica; salvar a mulher era impossível. Então, «Morales» roxo de cólera, congestionado, lançou mão da mauser, e, quando a moça, braços ao alto, voltou acima, mandou-lhe uma bala contra o peito, bala salvadora que a tornou insensível à dor e à agonia.</p>
--	--

<p>os de medo ao feitiço, que levava a Chiomba para os canumbizes.</p> <p>O branco nervoso, congestionado, não tirava a arma da cara.</p> <p>Fizera bem, fizera mal?</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>A justiça chegou, aproximou-se dele com solenidade e ouviu-se a frase sacramental:</p> <p>— Em nome da lei, está preso!</p> <p>Severa julgadora dos actos humanos não admitia o assassinato. Achava melhor que aquele monstro acabasse a sua obra satânica, dum crueldade horrível e a prolongasse até a pobre se escoar em sangue.</p> <p>Aquele que cometera uma acção generosa, seguindo a voz do seu coração suportou os rigores da lei.</p>	<p>Fizera bem?</p> <p>Fizera mal?</p>
--	---------------------------------------

Mais do que o corte do apêndice final, a expansão de alguns momentos descritivos e a introdução de uma analepse sobre a vida passada da protagonista e o modo como fugiu para a terra dos brancos, separa a segunda da primeira versão o facto de esta estar mais próxima da crónica — pela concisão mas também pelo ‘tom’ —, ao que não será alheia a publicação do texto em jornal. Além disso, a primeira versão apresenta um registo, por assim

dizer, mais agreste ou mais cru, sobretudo no que respeita à descrição da negra e das suas atitudes. Sirva de exemplo a seguinte passagem, em que o narrador descreve Chiromba: «era uma negra nova, alta e bem feita de corpo. Só as beíçorras enormes e o nariz achatado e grosso a desfeavam»; ou então a referência à sua reacção perante o choro do filho: «indolente como todas as negras deixou-o chorar». Na segunda publicação do conto, diz-se apenas que «Chiromba continuava a tarefa indiferente e mansa».

Contra o que poderíamos ser tentados a pensar de imediato, não creio que se trate tanto do apagamento dos sinais mais evidentes do etnocentrismo da época. Tratar-se-á antes da concentração no essencial e do reforço de uma espécie de pudor que de algum modo “embranquece” Chiromba e pode ser visto em passagens de outro tipo, como aquela que se refere à amamentação: no *Diário de Coimbra*, lemos que Chiromba «puxou-o sobre a ilharga e, ajeitando o seio forte de boa criadeira, para o lado, deu-lhe de mamar», enquanto que n’*O Mundo Português* temos apenas «puxou-a ao seio forte, com ternura, e deu-lhe o peito».

Mas a diferença maior entre as duas versões está na resolução da intriga, em que toma parte uma personagem que na versão mais antiga é introduzida apenas no final, sendo apresentada como «um europeu, horrorizado com o quadro, condoído de tamanho sofrimento». A prisão desse homem, cujo nome não é referido, suscita a discordância do narrador:

Severa julgadora dos actos humanos não admitia o assassinato.  
Achava melhor que aquele monstro acabasse a sua obra satânica, duma  
crueldade horrível e a prolongasse até a pobre se escoar em sangue.

Na segunda versão (que, como vimos, pouco difere da definitiva), o conto termina com uma interrogação dupla — «Fizera bem? // Fizera



mal?» —, apelando também a um julgamento, mas deixando-o a cada leitor, que se vê assim confrontado com uma questão de âmbito mais largo: pode a piedade traduzir-se num acto de violência? Pode o homicídio ser um acto de amor? Não há uma inversão de valores quando é a presa a ser abatida — pela segunda vez — em lugar do predador? E há algum significado especial na circunstância de ser um branco a abater uma negra?

Um caminho para a resposta passa pelo equacionar da relação que poderia existir entre ambas as personagens e que parece ser sugerida na segunda versão. A do *Diário de Coimbra* diz-nos apenas que as outras mulheres receberam mal Chiomba por ela «ser pobre e não saber a língua suanda (sic) das candossas (sic) d'estirpe», gralhas corrigidas na versão seguinte, esclarecendo uma nota da edição em livro que *candona* é a «mulher indígena civilizada ou assimilada vivendo maritalmente com o europeu». Se repararmos noutros aspectos da actuação do europeu na segunda versão, podemos colocar a hipótese de Chiomba ser a sua *candona*.

De facto do europeu, agora designado como “Sô Morales” — o que faz supor que seja de origem hispânica —, se diz que cantava «num fado triste e sentido, queixumes de amor, saudade infinda» e que «as notas subiam arrastadas, entravam no coração de mansinho, a chorar...». Por outro lado, as companheiras de Chiomba querem saber «da sua vida com o branco — se lhe dava muitos panos e dinheiro, se a estimava...». Notemos ainda que, à semelhança das duas irmãs mais velhas, Chiomba tinha fugido «para a terra dos brancos», «seduzida por aquele feitiço de perdição», contrariando o desejo da mãe, que a tinha destinado «a um seculo rico e poderoso».

Nesta perspectiva, a morte da protagonista equivale a um castigo, que pode ser objecto de uma dupla leitura. Na perspectiva indígena, Chiomba é castigada por ter fugido do seu quimbo, abandonando o seu povo; por isso

morre naquela que «era a água da sua terra<sup>20</sup>; vinha de lá, passava mesmo juntinho do quimbo...». Na óptica europeia, é castigada por ser *candona*, juntamente com a filha, uma filha do pecado, e juntamente com o agente do castigo, “Morales”, que é obrigado a reagir sozinho e se vê depois a braços com a sua consciência. Os negros, diz a segunda versão, «paralisados um momento, com a respiração cortada, logo se revoltaram numa gritaria desesperada; batiam a água, rogavam pragas, insultavam a fera», até que «a multidão fugia apavorada». Cabe assim ao europeu assistir sozinho à cena horripilante, decidir o seu final e viver com as suas consequências.

Chegados ao final desta breve apresentação da obra de Guilhermina de Azeredo e do estudo de um dos seus contos, creio que terá ficado razoavelmente demonstrado que estamos perante uma autora que — não podendo deixar de ser lida também no contexto da literatura colonial de que partiu — pode ser, com vantagem, considerada no espaço de um literatura luso-angolana ou, na sua impossibilidade, lusa e angolana. Mas para isso impõe-se a reedição da sua obra — e da obra de muitos outros autores — e a sua (re)leitura livre de preconceitos.

---

<sup>20</sup> O Catumbela, na versão d'O *Diário de Coimbra*.